

SÉRIE SEMINÁRIOS Nº 24/96  
DIRETORIA DE PESQUISA

SEMINÁRIOS SOBRE ESTUDOS DO TRABALHO

## **Heterogeneidade e Desigualdade Salarial no Setor de Serviços**

Mônica Viegas Andrade

OUTUBRO DE 1996



**ipea**  
INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA

SÉRIE SEMINÁRIOS Nº 24/96  
DIRETORIA DE PESQUISA

SEMINÁRIOS SOBRE ESTUDOS DO TRABALHO

## **Heterogeneidade e Desigualdade Salarial no Setor de Serviços**

Mônica Viegas Andrade

OUTUBRO DE 1996

*Instituições Participantes:*

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA-DIPES)

Instituto de Economia Industrial (IEI-UFRJ)

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE-DEREM/DEISO/DEIND)

Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ)

Universidade Federal Fluminense (UFF)

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ)

Universidade Santa Úrsula (USU)

Escola de Pós-Graduação em Economia (EPGE)

Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES)

## **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada**

O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA  
é uma fundação pública vinculada ao Ministério do Planejamento  
e Orçamento da Presidência da República.

### **PRESIDENTE**

Fernando Rezende

### **DIRETORIA**

Claudio Monteiro Considera

Gustavo Maia Gomes

Luís Fernando Tironi

Luiz Antonio de Souza Cordeiro

Mariano Matos de Macedo

A SÉRIE SEMINÁRIOS tem por objetivo divulgar trabalhos  
apresentados em seminários promovidos pelo IPEA. Os  
textos são reproduzidos a partir de originais do(s) autor(es),  
não sofrendo nenhuma revisão pelo Serviço Editorial.

Tiragem: 40 exemplares

**IPEA/DIPES**

Av. Presidente Antonio Carlos, 51 - 14º andar

CEP 20020-010 - Rio de Janeiro, RJ - Tel.: (021) 292-5141

# **HETEROGENEIDADE E DESIGUALDADE SALARIAL NO SETOR DE SERVIÇOS**

*Mônica Viegas Andrade\**

## **1. Introdução**

Historicamente, no Brasil, e nos países latino-americanos, o setor de serviços sempre absorveu um importante contingente de mão-de-obra. A maior geração de postos de trabalho no setor terciário, comparativamente à indústria e agricultura, se explica, no caso dos países latino-americanos pelo modelo de desenvolvimento seguido por estes países que determinou que uma significativa parcela da população economicamente ativa não fosse incorporada ao setor industrial em decorrência da implementação de tecnologias poupadoras do fator trabalho e das dificuldades estruturais de sustentação do crescimento acelerado no longo prazo (Prebish,1959). Atribuiu-se o alargamento da participação do setor terciário nas economias sub-desenvolvidas a um "inchamento" dessas atividades. O setor de serviços não determinaria dinamismo à economia, cumprindo o papel de absorvedor de mão-de-obra desqualificada, proveniente do intenso êxodo rural e elevado crescimento demográfico. Esta visão foi defendida, basicamente, pela escola estruturalista latino-americana, a "escola cepalina". A Cepal entendia que a incapacidade das economias latino-americanas de absorver, produtivamente, a oferta de mão-de-obra disponível no mercado de trabalho estava fortemente condicionada pelas dificuldades do crescimento industrial devido a relação centro-periferia. O processo de terciarização espúria guarda relações estreitas com o crescimento do "setor informal". Nesse sentido, o setor de serviços exerceu e continua exercendo um papel relevante de absorvedor de mão-de-obra excluída do setor industrial, o que se torna possível pela natureza das atividades do terciário que se caracterizam como intensivas em mão-de-obra.

Entretanto, o fenômeno do crescimento do setor terciário não é uma peculiaridade dos países latino-americanos, sendo reconhecida a importância desse setor na absorção de mão-de-obra também nos países desenvolvidos. Inicialmente, a elevada participação do terciário nos países desenvolvidos vinha associada, na literatura, a dois fatores: o *gap* de produtividade existente entre os demais setores, agrícola e industrial, e o setor terciário; e à lei de Engel. Com base na Lei de Engel, supunha-se que a elasticidade-renda da demanda dos serviços era maior do que um e que deste modo em etapas mais avançadas do desenvolvimento de um país, quando este alcançasse um nível de renda per capita mais elevada se teria um crescimento da demanda por serviços. (Fisher,1952; Clark,1960) Estes estudos acabaram culminando no que se convencionou denominar na literatura como a sociedade pós-industrial (Bell,1973), onde alguns autores creditavam ao setor de serviços a nova condição de mola propulsora da dinâmica econômica em

---

\* Professora do Departamento de Economia da Universidade Federal de Minas Gerais

substituição ao setor industrial. Hoje, estes estudos tem sido revistos e vários avanços foram realizados no sentido de explicar a dinâmica do setor terciário.

Estudos como o de Cohen, Zysman (1987) propõem a idéia de uma complementariedade entre a indústria e os serviços em contraposição à substitubilidade pensada pelos autores pós-industrialistas. Esta relação de complementariedade determina a criação de novos serviços em função de uma demanda do setor industrial. A noção de complementariedade entre os setores industrial e terciário vem se consolidando principalmente a partir dos anos 70 com a reestruturação industrial que impõe uma nova organização da produção diferente daquela observada no modelo fordista. No Brasil, vários autores tem estudado o setor terciário levando em consideração essa nova interface entre os dois setores como Dedecca, Montagner, (1992); Andrade, (1994); Pero (1995).

Muito embora, seja reconhecida a importância do terciário enquanto absorvedor de mão-de-obra, o setor terciário foi durante muito tempo, objeto de poucas análises predominando a corrente cepalina da terciarização espúria na explicação do comportamento e dinâmica do setor. Uma das dificuldades de se estudar o setor terciário, resulta da elevada heterogeneidade observada em suas atividades, que impede que se estabeleçam suposições genéricas que busquem explicar o comportamento deste como um todo. Na tentativa de minimizar esses problemas, se propõe a utilização de tipologias acerca do setor de serviços que permitam desagregá-lo em grupos minimamente homogêneos. A tipologia utilizada neste trabalho adota o critério do tipo de demanda para seccionar os grupos de atividades dos serviços, seguindo a tipologia proposta por Browning e Singelmann (1978) e Elfring (1988).

O objetivo principal deste trabalho é estudar a desigualdade de renda presente no setor terciário, mais especificamente a desigualdade salarial, uma vez que utilizaremos apenas a informação referente ao rendimento auferido no trabalho principal. Parte significativa da desigualdade de renda pode ser explicada pela desigualdade salarial. Vários estudos tem sido realizados no sentido de mensurar e explicar o diferencial de salários inter-setorial (Barros, Mendonça 1995; Gatica et alii, 1990; Krueger, Summers 1986), sendo ainda escassas pesquisas voltadas para explicar a desigualdade salarial dentro do setor terciário. Reconhecendo a importância desse segmento na geração de postos de trabalho e também a heterogeneidade presente no mesmo, o que se propõe é uma mensuração da desigualdade salarial entre os grupos que compõem o setor terciário.

A base de dados utilizada é a PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) para o ano de 1988, sendo foco de análise a população ocupada no setor de serviços das regiões metropolitanas.<sup>1</sup> Neste trabalho analisaremos o setor terciário em três regiões metropolitanas: Região Metropolitana de São Paulo, Região Metropolitana de Belo

---

<sup>1</sup> No questionário da PNAD são classificadas como população ocupada as pessoas que responderam à pergunta sobre o que fez na semana de .....? dos seguintes modos: 1)trabalhou ou 2) tinha trabalho, mas não trabalhou.

Horizonte e Região Metropolitana de Recife. A escolha das três regiões metropolitanas se justifica por estas regiões representarem estágios diferenciados de desenvolvimento econômico. A Região Metropolitana de São Paulo se caracteriza como pólo industrial sendo referência em estudos sobre o mercado de trabalho brasileiro. Por outro lado, a Região Metropolitana de Belo Horizonte é uma região que vem se modernizando embora não se caracterize como pólo industrial de mesmo porte que a metrópole paulista, enquanto a Região Metropolitana de Recife apresenta ainda relações de produção mais tradicionais. A utilização de comparação inter-regional nos permite uma caracterização mais fiel do mercado de trabalho brasileiro. A escolha do ano de 1988 se justifica por ser este um ano de relativa estabilidade conjuntural.<sup>2</sup>

Como mostra a Tabela 1, o setor de serviços absorve, nas três regiões metropolitanas, a maior parte da população ocupada, o que justifica nossa preocupação em qualificá-lo e caracterizá-lo. Na distribuição setorial da população ocupada, a diferença fundamental que se nota é o peso da participação da indústria de transformação na região metropolitana de São Paulo, em comparação com as demais regiões. Nas metrópoles de Recife e Belo Horizonte, a atividade terciária absorve cerca de 70% da população ocupada.

**TABELA 1:**

**POPULAÇÃO OCUPADA POR RAMOS DE ATIVIDADE**  
Pessoas Ocupadas (%)

Ramos de Atividade	RMSP	RMBH	RMRE
Agrícola	0.42	1.01	3.83
Indústria da transformação	32.81	17.48	14.19
Indústria da construção	6.28	2.19	6.56
Outras Ativ. Industriais	1.06	9.36	2.02
Total das Ativ. Industriais	40.15	29.03	22.77
Comércio de Mercadorias	13.17	14.11	16.97
Prestação de Serviços	17.95	23.68	24.26
Serv. Aux. Ativ. Económica	5.30	5.46	3.64
Transporte e Comunicação	4.97	5.90	4.68
Social	9.05	11.52	11.27
Adm. Pública	3.82	5.08	7.36
Outras Atividades	5.11	4.17	5.15
Total dos Serviços	59.37	69.92	73.33

Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - 1988.  
Rio de Janeiro: IBGE, 1990.

Este trabalho está organizado em duas partes. Na primeira parte, apresentamos a tipologia proposta para analisar o setor terciário que nos permitirá uma desagregação desse setor em 17 sub-setores e uma breve caracterização desses sub-setores. A segunda parte apresenta o índice de desigualdade de renda que será utilizado, o índice de Theil-L, e os resultados obtidos.

<sup>2</sup> A pesquisa da PNAD só se encontra disponível até 1990.

## *2. Uma breve caracterização dos serviços*

### *2.1 Tipologia do Setor de Serviços*

Para analisar o setor de serviços optamos por utilizar a tipologia elaborada por Browning e Singelmann (1978) e Elfring (1988). A proposta de utilização de uma tipologia parte da constatação da heterogeneidade presente no setor de serviços.

Neste trabalho, o emprego é classificado por ramos de atividade, os quais seguem a classificação dos estabelecimentos produtivos. Os ramos de atividade estão agregados em quatro grupos: Serviços produtivos, Serviços distributivos, Serviços pessoais e Serviços sociais. O critério de classificação dos serviços nos quatro grupos principais é o tipo de demanda. Os serviços produtivos e os serviços distributivos são demandados principalmente pelas firmas, enquanto os serviços sociais e pessoais se caracterizam por serem demandados basicamente pelo setor "famílias". Para elaboração de nossa análise adequamos esta tipologia à classificação dos ramos de serviços disponível nos dados da PNAD.<sup>3</sup> Nesta análise trabalharemos com 17 sub-setores do terciário que correspondem a desagregações desses quatro grandes grupos do terciário.

#### *2.1.1 Serviços produtivos*

Os serviços produtivos são demandados, sobretudo, pelas firmas. Muito embora possam também sê-lo por indivíduos, o determinante principal da demanda desses serviços são as decisões de investimento e produto das empresas, uma vez que estes se caracterizam como serviços auxiliares ao processo produtivo. Os serviços produtivos podem ser oferecidos tanto por empresas individuais prestadoras de serviços, como podem estar inseridos na própria atividade produtiva. O crescimento dos serviços produtivos, principalmente a partir da década de 70, pode ser explicado pela reestruturação produtiva que passa pela desintegração vertical da indústria. Parte do crescimento dos serviços produtivos pode ser vista como resultante da substituição de tarefas antes realizadas dentro da indústria e agora externalizadas. Esta externalização das atividades industriais que são substituídas por atividades especializadas resulta em um aumento na participação do setor de serviços tanto no emprego como no produto. A "terceirização" tanto pode significar a contratação de serviços de terceiros para realizar atividades de serviços que antes eram realizadas dentro da indústria, como também mudanças na estrutura produtiva intra-industrial.

---

<sup>3</sup> Ver a adequação dos ramos apresentados na PNAD à tipologia proposta em Andrade (1994).

Distinguem-se quatro sub-grupos de serviços produtivos, de acordo com a natureza da atividade produtiva: serviços profissionais e de negócios, serviços financeiros, serviços imobiliários e serviços de seguros.

### 2.1.2 Serviços distributivos

Os serviços distributivos também se caracterizam como serviços cuja demanda majoritária tem origem nas firmas. A diferença fundamental que distingue os serviços produtivos dos serviços distributivos é que estes não participam diretamente do processo produtivo, mas se caracterizam como serviços auxiliares necessários para a circulação e venda das mercadorias. As principais funções desses serviços envolvem atividades de transporte de mercadorias, informações e logística de vendas.

Nos serviços distributivos também se distinguem quatro sub-grupos de ramos: comércio varejista, comércio atacadista, serviços de transporte, comunicações.

### 2.1.3 Serviços sociais

Os serviços sociais caracterizam-se, principalmente, por representarem uma demanda coletiva e por serem, majoritariamente bens públicos. Em geral são ofertados pelo setor público e não guardam grandes disparidades em termos de oferta regional. Os serviços sociais podem ser divididos em quatro sub-grupos: serviços públicos, serviços de saúde, serviços de educação e serviços sociais diversos.

Estes serviços, por serem geralmente ofertados pelo governo, possuem características próprias que os diferem dos demais. <sup>4</sup>

### 2.1.4 Serviços pessoais

Por último, os serviços pessoais, que atendem basicamente à demanda individual. São caracterizados em sete sub-grupos, diferenciados de acordo com a natureza da atividade econômica: hotéis, bares e restaurantes; recreação e diversão; domésticos; reparos; barbearia e beleza; lavanderia e limpeza; pessoais diversos. Na classificação adotada, agregamos os serviços de lavanderia e limpeza ao subgrupo dos serviços domésticos em função da homogeneidade da natureza do trabalho e agregamos serviços de barbearia e beleza ao subgrupo dos serviços pessoais diversos, resultando portanto, em cinco sub-grupos.

---

<sup>4</sup> Os serviços de comunicação e transporte, oferecidos pelo governo, não foram incluídos nos serviços sociais, mas no grupo dos serviços distributivos. Nos serviços concernentes à educação e saúde, temos serviços oferecidos tanto pelo setor público como pelo setor privado.



## 2.2 Geração de emprego e renda no terciário

A mão-de-obra absorvida pelo setor de serviços, nas três regiões metropolitanas, é bastante significativa: em São Paulo o setor de serviços absorve 59,32% do total da população ocupada; em Belo Horizonte este índice se eleva para 70% e em Recife para 73,96% da população. É importante identificar quais são os sub-setores mais relevantes na geração de empregos

Analisando os quatro grupos destacam-se os serviços pessoais e distributivos na absorção de mão-de-obra. (Tabela 2) Nas metrópoles Belo Horizontina e de Recife a importância na absorção de mão-de obra apresenta a mesma ordenação: serviços pessoais, serviços distributivos, serviços sociais e serviços produtivos. A metrópole paulista se diferencia das demais: os serviços produtivos assumem maior relevância na geração de empregos em detrimento dos serviços pessoais. Este resultado pode ser atribuído a dois fatores: em São Paulo os serviços pessoais provavelmente estão mais modernizados absorvendo portanto menos mão-de-obra, por outro lado, pode estar ocorrendo substituição dos serviços de demanda pessoal por uma oferta de bens industrializados específicos que facilitam as atividades de auto-serviço. (Gershuny, Miles, 1983).<sup>5</sup>

Quanto aos sub-setores, nas três regiões metropolitanas destacam-se o comércio varejista e os serviços domésticos como os sub-setores que mais absorvem mão-de-obra (aproximadamente 30%), o que confirma o papel do setor de serviços como absorvedor de mão-de-obra desqualificada e de baixa produtividade (Tabela 3). Essas atividades são serviços intensivos em trabalho que geram um maior volume de postos de trabalho.

Dos serviços modernos<sup>6</sup>, o grupo dos serviços produtivos, absorve 13,2% do total da população ocupada no setor de serviços em São Paulo, 8,3% em Belo Horizonte e 5,9% em Recife, se destacando como o grupo que absorve o menor percentual de mão-de-obra, o que é explicado pela maior intensidade de capital presente nestas atividades. A comparação regional sugere que, à medida que se avança no processo de acumulação e modernização, os serviços produtivos, mais integrados à indústria, apresentam tendência de crescimento. A metrópole paulista, região de maior grau de desenvolvimento econômico, é a que apresenta a maior participação relativa desses serviços. Destacam-se os serviços financeiros e os serviços profissionais e de negócios, nas três regiões metropolitanas, principalmente São Paulo. A relevância desses serviços reflete maior

---

<sup>5</sup> Apenas a título de comparação é interessante tomar como referência os dados de participação relativa desses quatro grupos do setor serviços no emprego total nos países desenvolvidos. Nos Estados Unidos, por exemplo, os serviços pessoais atingem em 1984 o percentual de 12,2%, o mesmo percentual encontrado para os serviços produtivos. (Elfring, 1988, p.109). Os dados para países mais desenvolvidos mostram que o crescimento do terciário nesses países não se determina pela dinâmica dos serviços pessoais.

<sup>6</sup> Em Andrade (1994) foi proposto um critério baseado na produtividade média do sub-setor para segmentação do setor terciário em moderno e tradicional. A autora encontra como sub-setores modernos, basicamente o grupo dos serviços produtivos, os serviços de comunicação e alguns serviços sociais.

demanda por serviços de consultoria e acessoramento, haja vista o processo de globalização e terceirização de atividades. A maior geração de empregos pelo sub-setor dos serviços financeiros se justifica, na medida em que, embora altamente modernizados na economia brasileira, estes serviços empregam um contingente de mão-de-obra grande em decorrência das exigências e da elevada demanda por esses serviços no Brasil resultante do processo inflacionário.

**Tabela 2**  
**Geração de Emprego e Renda por Grupos do Setor de Serviços (%)**

Grupos	SÃO PAULO		BELO HORIZONTE		RECIFE	
	Emprego	Renda	Emprego	Renda	Emprego	Renda
Serviços Produtivos	13,2	21,80	8,3	17,77	5,9	17,76
Serviços Distributivos	33,9	37,75	32,0	34,72	32,0	28,30
Serviços Sociais	22,4	23,55	24,5	33,61	26,1	40,0
Serviços Pessoais	30,5	16,85	35,0	13,36	36,0	13,85

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da PNAD/1988

TABELA 3

GRUPOS	POPULAÇÃO OCUPADA POR GRUPOS DE SERVIÇOS					
	SÃO PAULO		BELO HORIZONTE		RECIFE	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
<b>S.PRODUTIVOS</b>						
Serviços de Seguros	41886	1.0	6570	0.6	2846	0.4
Serv.Prof. e de Negócios	188985	4.4	34992	3.3	14227	1.9
Serviços Financeiros	290289	6.7	38706	3.7	22052	3.0
Serviços Imobiliários	48707	1.1	7739	0.7	4269	0.6
<b>S.DISTRIBUTIVOS</b>						
Comunicações	66235	1.5	14314	1.4	6406	0.9
Comércio Atacadista	243524	5.7	64051	6.2	51455	6.9
Serviços de Transporte	357499	8.3	91502	8.8	51688	6.9
Comércio Varejista	793918	18.4	162147	15.6	128296	17.2
<b>S.PESSOAIS</b>						
Hotéis, Bares e Restaurantes	231842	5.4	63341	6.1	41970	5.6
Serviços de Reparos	240607	5.6	43171	4.2	32013	4.3
Recreação e Diversão	42864	1.0	6567	0.6	4504	0.6
Serviços Domésticos	508495	11.8	145020	14.0	101256	13.6
Serviços Pessoais Diversos	289317	6.7	104892	10.1	88923	11.9
<b>S.SOCIAIS</b>						
Serviços de Saúde	245480	5.7	57949	5.6	38652	5.2
Serviços de Educação	300026	7.0	87296	8.4	59754	8.0
Serviços Públicos	303931	7.1	84468	8.1	81579	10.9
Serviços Sociais Diversos	112019	2.6	25099	2.4	15174	2.0
Total	4305624	100.0	1037324	100.0	745064	100.0

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados da fita do IBGE- PNAD/1988

Outro indicador importante a ser analisado é a participação dos sub-setores no total da massa salarial do setor de serviços. (Tabela 4). A massa de rendimentos do trabalho é uma boa *proxy* para o produto bruto gerado no setor de serviços<sup>7</sup>.

A distribuição da massa salarial entre os quatro grupos evidencia a importância dos serviços distributivos e sociais como os mais relevantes. Na R.M.de Recife, os serviços sociais são responsáveis por 40% do total da massa salarial, o que vem associado ao peso dos serviços públicos. A contribuição dos serviços públicos no total da massa salarial na região metropolitana de Recife, 18,06%, região metropolitana de Belo Horizonte, 13,24%, deixa clara a importância do Estado como dinamizador da economia. Em São Paulo este percentual cai para 8,32%

Os dados mostram que o grupo dos serviços produtivos é bastante dinâmico na geração de renda, participando com 21,79% do rendimento total do trabalho do setor de

<sup>7</sup> A utilização do dado de massa salarial como *proxy* do produto do setor serviços cria alguns vieses: superestimação do produto nos setores intensivos em mão de obra e nos setores com rendimentos acima da média. Como estes dois grupos não se superpõem, estes vieses tendem a se anular.

serviços para a região de São Paulo e 17,08% e 17,76%, respectivamente para Belo Horizonte e Recife. Essas informações contrastam com os resultados obtidos para a geração de empregos, quando este grupo assume menor importância. O grupo que mais se destaca entre os serviços produtivos é o relativo aos serviços financeiros.

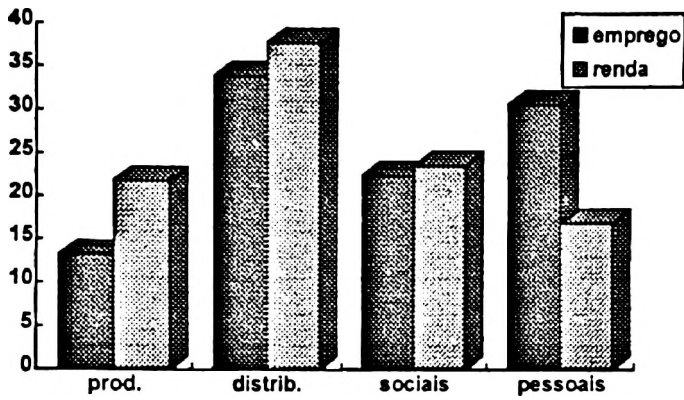
Dos serviços tradicionais, notamos que os serviços pessoais, grupo que se destaca na absorção de mão-de-obra, é responsável por apenas cerca de 15% do total dos rendimentos nas três regiões metropolitanas (15,83% em São Paulo, 13,36% em Belo Horizonte e 13,85% em Recife). Este setor absorve 29,5% da população ocupada no setor de serviços em São Paulo, 35% em Belo Horizonte e 36% em Recife.

TABELA 4

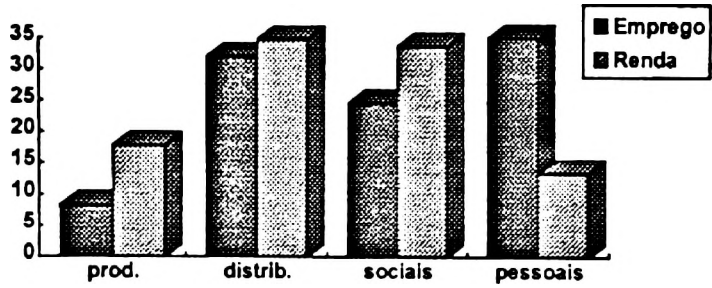
DISTRIBUIÇÃO DA MASSA SALARIAL ENTRE OS SUB-GRUPOS			
	RMSP	RMBH	RMRE
<b>GRUPOS</b>			
<b>SERVIÇOS PRODUTIVOS</b>			
Serviços Imobiliários	1.27	0.69	0.96
Serviços prof. e negócios	7.26	6.18	5.37
Serviços Financeiros	11.45	10.03	10.65
Serviços de Seguros	1.81	0.87	0.78
<b>SERVIÇOS PESSOAIS</b>			
Recreação e Diversão	1.0	0.57	0.39
Serviços Domésticos	3.15	3.0	3.05
Serviços Pessoais diversos	3.86	3.18	3.68
Hotéis, Bares e Restaurantes	4.24	3.67	4.39
Serviços de reparos	4.58	2.94	2.34
<b>SERVIÇOS SOCIAIS</b>			
Serviços públicos	8.32	13.24	18.06
Serviços de Educação	6.62	10.02	10.00
Serviços de Saúde	7.12	8.54	10.64
Serviços Sociais Diversos	1.48	1.81	1.34
<b>SERVIÇOS DISTRIBUTIVOS</b>			
Serviços de Transporte	9.32	8.76	7.42
Comércio atacadista	9.23	9.21	8.03
Comunicações	2.3	2.17	1.10
Comércio Varejista	16.89	14.58	11.73

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da fita do IBGE/PNAD-1988

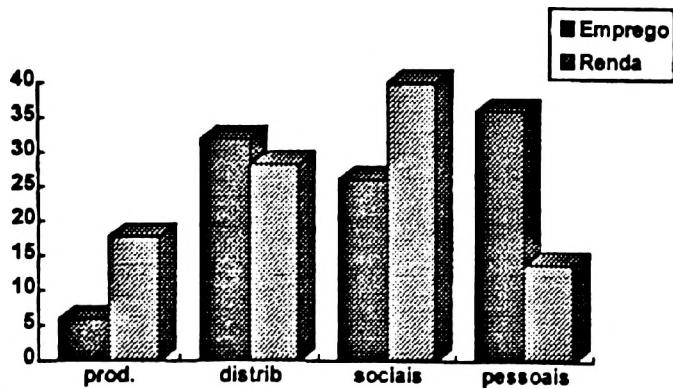
**Gráfico 1**  
**R.M.São Paulo**  
**Geração de Emprego e Renda**



**Gráfico 2**  
**R.M.Belo Horizonte**  
**Geração de Emprego e Renda**



**Gráfico 3**  
**R.M.Reefe**  
**Geração de Emprego e Renda**



A título de comparação regional é interessante observar os resultados obtidos através da construção do índice de divergência regional elaborado por Krugman (1991). Este índice nos permite mensurar o quão convergentes são as estruturas de duas regiões, definido como:

$\sum_i |s_i - s_i^*|$ , onde  $s_i$  e  $s_i^*$  é a participação da indústria ou setor nas regiões a serem comparadas. Supondo que as duas regiões apresentassem estrutura industrial exatamente idêntica, isto é, com a mesma participação relativa do emprego, o índice apresentaria resultado igual a zero. De modo análogo, se as duas regiões apresentassem estrutura radicalmente oposta, o índice construído seria dois. Neste trabalho, construímos os índices de divergência regional tanto para a estrutura do emprego setorial como para a distribuição de massa salarial comparando as regiões analisadas duas a duas. Os resultados encontrados foram os seguintes:

Índice de divergência regional

1) Estrutura ocupacional

SP/BH = 0.196

SP/RE = 0.265

BH/RE = 0.143

2) Estrutura de Rendimentos

SP/BH = 0.2054

SP/RE = 0.3355

BH/RE = 0.1766

Estes indicadores mostram que a Região Paulista é a que mais se diferencia das demais, apresentando os maiores índices. A metrópole de Belo Horizonte, apesar de se aproximar mais da metrópole de Recife se apresenta como intermediária entre as outras duas. É interessante observar também que os coeficientes encontrados para a comparação da massa de rendimentos é superior nos três casos, sugerindo uma maior divergência na estrutura de rendimentos comparada à estrutura do emprego, corroborando os resultados já observados anteriormente.

### *2.3 Instrução no setor terciário*

A distribuição da qualificação formal no setor terciário é outra informação importante a ser considerada nesta análise. A qualificação, aqui tratada como nível de instrução formal da população ocupada, é um dos critérios considerados na literatura como relevantes para explicação da desigualdade de renda pessoal. Nesse sentido, consideramos ser importante a descrição da qualificação no terciário. O nível médio de escolaridade do

terciário das três regiões metropolitanas é 7.32 anos de estudo, o que caracteriza o setor de serviços como um setor com nível de escolaridade médio elevado, uma vez que este índice representa praticamente o primeiro grau completo (8 anos de estudo). Se, a título de exemplo, compararmos com os setores da indústria paulista, este índice médio é mais elevado do que o encontrado em praticamente todos os setores da indústria no mesmo ano.<sup>8</sup> Observando a distribuição da qualificação (Tabela 5) destacam-se os serviços produtivos e os serviços de saúde e educação como os que exigem um maior nível de qualificação formal. A comparação regional não evidencia diferenças nestes requisitos. Há que se ressaltar o nível de qualificação médio encontrado nos sub-setores do comércio, que apresenta nas regiões de São Paulo e Belo Horizonte acima de 7 anos de estudo, qualificação suficiente para ingressar em praticamente todos os sub-setores da indústria paulista. A diferença nos níveis de rendimento médio auferido nos setores da indústria e serviços sugere, portanto, que os indivíduos inseridos no setor industrial devem se submeter a treinamento específico que se traduzirá em ganhos de produtividade, justificando os maiores níveis de rendimento encontrados.<sup>9</sup>

---

<sup>8</sup> Utilizando os dados da Pnad, encontramos os seguintes índices de escolaridade média da indústria paulista: indústria metalmecânica (6,85); indústria de material elétrico e transporte (7,25); indústria de madeira e mobiliário (6,07); ind. de papel e papelão (6,70); indústria de couros e peles (7,37); indústria química (7,13); ind. têxtil (6,74); ind. de vestuário e calçados (6,43); ind. de alimentos e bebidas (6,49); indústria do fumo (8,35); ind. da construção civil (4,39).

<sup>9</sup> Um estudo interessante seria o de investigar a alocação de qualificação no Brasil. Estes dados evidenciam que existe uma subutilização da mão-de-obra qualificada principalmente nas atividades do comércio.

**Tabela 5****Nível médio de anos de estudo segundo sub-grupo do setor de serviços**

Grupos	RMSP	RMBH	RMRE
<b>SERVIÇOS PRODUTIVOS</b>			
Serviços Prof.Neg.	11.49	11.31	12.45
Serv. Financeiros	10,87	11.22	11.58
S. Imobiliarios	9.62	7.48	9.3
Serviçosde Seguros	10.68	9.76	10.5
<b>S.DISTRIBUTIVOS</b>			
Comércio Varejista	7.11	7.18	6.27
Com. Atacadista	8.04	7.62	6.27
Serv. de Transporte	6.03	6.02	5.92
Comunicações	9.55	9.22	10
<b>SERVIÇOS SOCIAIS</b>			
Serviços Públicos	9.45	9.61	8.98
Serviços de Saúde	10.34	10.61	9.63
Serviços Educação	11.43	10.66	11.24
Serv. sociais div.	7.66	7.48	7.96
<b>SERVIÇOS PESSOAIS</b>			
Hotéis,Bares e Rest.	5.25	5.24	5.38
RecreaçãoDiversão	7.9	10.07	7.34
S.Domésticos	3.59	3.57	3.07
S. de Reparos	5.83	5.91	5.0
S.Pessoais Diversos	5.03	4.55	4.24

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Pnad/1988.

Esta breve caracterização do terciário, confirma o setor de serviços como grande absorvedor de mão de obra nas três Regiões Metropolitanas, tendo como sub-grupos com maior capacidade de geração de empregos principalmente os serviços pessoais e distributivos. Os serviços pessoais se caracterizaram como postos de trabalho de baixa produtividade, haja vista a massa de rendimentos gerada nesse sub-grupo e o nível de instrução média observada. Os serviços produtivos, ainda que pouco dinâmicos na geração de empregos, adquirem uma importância na geração de massa de rendimentos, se caracterizando como os "melhores" postos de trabalho do setor terciário. A comparação regional sugere que com o maior nível de desenvolvimento econômico, ocorre uma tendência de crescimento da importância relativa desses serviços, o que corrobora as teorias que buscam uma explicação na integração inter-setorial para explicação do crescimento do setor terciário. Por último, os serviços sociais, em geral ofertados no Brasil pelo Estado, representam importante fonte de geração de empregos associados a um nível de qualificação formal mais elevado, mas que não se traduz necessariamente em rendimentos mais elevados como iremos observar na próxima seção deste trabalho.



### 3. Metodologia

Para mensurar a desigualdade de rendimentos do setor de serviços optamos por calcular o índice de concentração de renda Theil -L..

O índice de Theil tem sido prioritariamente utilizado pelos autores que trabalham com distribuição de renda, pela vantagem de poder ser decomponível segundo algum critério escolhido pelo pesquisador. No nosso caso, optamos pelo Theil pois assim poderíamos calcular um índice para cada sub-setor e, a partir dele, calcular um índice de concentração para a região metropolitana como um todo.

O índice Theil-L é definido pela diferença entre a média aritmética e a média geométrica das rendas individuais.

$$L = \log (\mu/M) = -(1/n)\sum \log y_i$$

onde  $\mu$  = média aritmética

$M$  = média geométrica

$y_i$  = frações de renda individuais

Se a população for dividida em “g” grupos diferentes segundo algum critério, obtém-se o índice L de Theil da seguinte forma:

$$L = - \sum \beta_i \ln \alpha_i + \sum \beta_i L_i$$

onde  $\alpha_i$  = relação entre a renda média do grupo “i” e a renda média da população total

$\beta_i$  = participação relativa do grupo “i” na população total

$L_i$  = L de theil para cada grupo específico segundo o critério analisado.

Na fórmula do índice de Theil construído com base em vários grupos, a primeira parte constitui o que se denomina de componente “*inter*”, ou seja, mede a desigualdade devida às diferenças da renda média total e a renda média de cada grupo, ponderadas pela participação relativa do grupo no total da população.

A segunda parte do índice também denominado componente “*intra*”, mede a desigualdade de renda decorrente das desigualdades existentes dentro de cada grupo.

Dividindo-se o componente “*inter*” pelo índice de Theil para a população total, tem-se o percentual de contribuição para a desigualdade total da população, decorrente das desigualdades existente entre os grupos, e, da mesma, forma dividindo-se o componente “*intra*” pelo índice de theil para a população total tem-se a contribuição da desigualdade dentro dos grupos para a desigualdade total da distribuição de renda da população.

### *3.1. Análise dos resultados*

A discussão da heterogeneidade e desigualdade salarial do setor de serviços será realizada a partir de três cortes analíticos: a desigualdade de renda intra-setorial, a desigualdade de renda inter-setorial e a comparação regional. O que esperamos é que os setores mais modernizados tenham uma distribuição de renda mais homogênea decorrente do próprio processo de acumulação e desenvolvimento. Ao nível da distribuição intersetorial espera-se uma grande heterogeneidade, devido a grande diversidade existente no terciário no Brasil, evidenciada na distribuição de rendimentos e qualificação.

A primeira informação importante a ser considerada é o nível de rendimento médio, ponderado pela participação do setor de serviços nas três regiões metropolitanas. Os dados revelam um rendimento médio mensal de US\$292.42 para a região metropolitana de São Paulo, US\$196.35 para a de Belo Horizonte e US\$174,45 para a Recife em dólares de setembro de 1988. O patamar de remuneração nas três regiões é diferenciado, sendo São Paulo a metrópole onde o nível é superior.

A hierarquia da distribuição nos mostra que os serviços produtivos são os que apresentam melhores níveis de rendimento médio, indicando um nível de produtividade superior, seguidos dos serviços distributivos modernos (comunicações e comércio atacadista) e serviços sociais, por último os serviços pessoais.

TABELA 6

RENDIMENTO MÉDIO MENSAL POR GRUPOS (US\$/1988)			
SETORES	RMSP	RMBH	RMRE
Serviços Domésticos	76.99	41.66	38.37
Serviços Pessoais Diversos	166.44	61.63	53.22
Serviços de Reparos	243.43	139.52	98.73
Hotéis, Bares e Restaurantes	239.50	125.55	137.88
Serviços de Transporte	320.19	192.23	183.18
Comércio Varejista	269.92	184.77	120.48
Comércio Atacadista	487.91	313.86	213.30
Serviços Sociais Diversos	171.50	153.27	116.95
Recreação e Diversão	286.43	174.67	109.36
Serviços de Seguros	555.39	267.07	346.66
Comunicações	433.44	303.40	235.40
Serviços de Saúde	366.43	296.89	355.47 <sup>10</sup>
Serviços Imobiliários	334.83	178.48	283.33
Serviços Públicos	345.51	315.02	285.25
Serviços de Educação	274.01	234.00	214.97
Serviços Financeiros	489.70	518.06	628.11
Serviços Prof. e de negócios	488.68	365.45	483.67

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da fita do IBGE/PNAD/1988

É interessante cotejar os dados observados para o rendimento médio em alguns setores da indústria paulista.<sup>11</sup> Observa-se que os serviços produtivos são os que mais se aproximam dos níveis de rendimento médio mensal da indústria paulista, dado que, ainda que "grosso modo", sugere níveis de produtividade. O nível de rendimento médio da construção civil e indústria de vestuário e calçados, que são, sabidamente, os setores da indústria com menor intensidade de capital e estruturas de produção mais tradicionais e que absorvem maior contingente de mão de obra, se aproxima dos grupos de serviços mais tradicionais, isto é, os serviços pessoais e atividades do comércio, principalmente varejista.

<sup>10</sup> O rendimento médio para os serviços de saúde na região metropolitana de Recife excluindo o indivíduo com o rendimento muito elevado é de US\$214,16 compatível com a distribuição observada para Recife.

<sup>11</sup> Utilizando a PNAD obtivemos o nível de rendimento médio em setembro de 1988 resultante do trabalho principal para os sub-setores da indústria paulista a dólares correntes de 1988. Os resultados obtidos foram por ordem decrescente: Indústria de papel e papelão US\$489,00; indústria de couros e peles US\$476,00; indústria de material elétrico e transporte US\$420,64; indústria textil US\$406,00; indústria metal-mecânica US\$350,24; indústria química US\$337,92; indústria do fumo US\$337,92; indústria de alimentos e bebidas US\$269,28; indústria madeireira e mobiliário US\$234,08; indústria da construção civil US\$223,52; indústria de vestuário e calçados US\$188,32. O nível de rendimento médio foi padronizado por horas trabalhadas.

Do ponto de vista regional, a discrepância dos níveis de rendimento das metrópoles de Belo Horizonte e Recife em relação à paulista é significativa em todos os sub-setores do setor de serviços, o que mais uma vez evidencia o diferencial de desenvolvimento econômico entre as regiões. Interessante notar que a ordenação entre os sub-setores não apresenta grandes variações regionalmente.<sup>12</sup>

TABELA 7

ÍNDICE DE THEIL SEGUNDO OS SUB-SETORES			
Grupos	RMSP	RMBH	RMRE
<b>S.PRODUTIVOS</b>	<b>0.5339</b>	<b>0.5746</b>	<b>0.5992</b>
Serviços Prof. e de Negócios	0.652	0.614	0.5573
Serviços Financeiros	0.4737	0.4732	0.5713
Serviços Imobiliários	0.39	0.5011	0.5913
Serviços de Seguros	0.5125	0.4527	0.5635
<b>Serviços Distributivos</b>	<b>0.4949</b>	<b>0.582</b>	<b>0.5282</b>
Comercio Varejista	0.48	0.5868	0.5035
Comércio Atacadista	0.553	0.57744	0.679
Serviços de Transporte	0.3689	0.3708	0.34
Comunicações	0.4922	0.4797	0.4052
<b>Serviços Sociais</b>	<b>0.462</b>	<b>0.59</b>	<b>0.689</b>
Serviços Públicos	0.443	0.5475	0.5857
Serviços de Saúde	0.4705	0.6143	1.00 <sup>13</sup>
Serviços de Educação	0.3938	0.556	0.5852
Serviços Sociais Diversos	0.4255	0.5209	0.3748
<b>Serviços Pessoais</b>	<b>0.4713</b>	<b>0.522</b>	<b>0.599</b>
Hotéis, Bares e Restaurantes	0.4785	0.4842	0.634
Recreação e Diversão	0.4804	0.6416	0.3357
Serviços Domésticos	0.1891	0.1745	0.3732
Serviços de Reparos	0.3736	0.4119	0.3934
Serviços Pessoais Diversos	0.4894	0.604	0.5547
<b>TOTAL</b>	<b>0.5478</b>	<b>0.6586</b>	<b>0.76</b>

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da fita do IBGE/PNAD-1988

Observando os índices de desigualdade salarial percebe-se, na comparação inter-regional, resultados importantes. Para a R.M de São Paulo, o índice obtido foi igual a 0,5478 enquanto que para Belo Horizonte o índice foi de 0,6586 e para Recife 0,76.<sup>14</sup> O

<sup>12</sup> Constituindo o coeficiente de Sperman, o qual nos possibilita analisar diferenças no "ranking" das variáveis, percebe-se que os coeficientes entre as metrópoles é bem próximo. O índice de Sperman é definido como:

$rs = 1 - 6 \sum d^2 / n(n^2 - 1)$  onde d é a diferença observada na ordenação entre de dois fenômenos ou indivíduos; N é o número de fenômenos ordenados (neste caso, o número de setores).

Os coeficientes encontrados foram:

SP/BH = 0.89

SP/RE = 0.87

BH/RE = 0.87

Estes coeficientes refletem ordenações muito próximas do rendimento médio observado nas metrópoles.

<sup>13</sup> O índice de theil para os serviços de saúde, sem incluir o indivíduo com rendimentos muito elevados, é de 0,54.

<sup>14</sup> O índice de theil para a região metropolitana de Recife, sem incluir o indivíduo com rendimentos muito elevados, é de 0,678.

que notamos é que São Paulo apresenta o setor de serviços mais homogêneo, com o índice de desigualdade mais próximo de zero. Em seguida, Belo Horizonte e Recife apresentam a distribuição mais desigual.

Os índices encontrados para os grandes grupos são pouco elucidativos, resultado atribuído provavelmente à diversidade intra-grupos, que como veremos adiante apresenta maior importância relativa na explicação da desigualdade total. A análise dos coeficientes de Theil para os sub-grupos apresenta resultados mais robustos pois o nível de desagregação é maior reduzindo a heterogeneidade. No caso da metrópole Paulista, os dados sinalizam maior desigualdade nos serviços produtivos. Somando-se o fato da metrópole Paulista apresentar estrutura produtiva mais consolidada, este resultado contraria as hipóteses de que os serviços modernos tendem a apresentar menor desigualdade salarial.

Observando os índices construídos para os sub-grupos, notamos que o sub-grupo que apresenta uma distribuição mais homogênea, é o sub-grupo dos serviços domésticos. Este é um resultado esperado, uma vez que, neste sub-grupo, que compreende basicamente os empregados domésticos, o salário mínimo se constitui em referência básica de remuneração. Por outro lado, os maiores índices de desigualdade são observados para os serviços pessoais diversos, comércio atacadista e varejista, que se constituem em serviços tradicionais, isto é, com menor grau de modernização. Nos serviços modernos o menor índice observado é para os serviços profissionais e de comunicações. No geral, o setor de serviços apresenta altos índices de desigualdade revelando, mais uma vez, a heterogeneidade desse setor.<sup>15</sup>

Analisando a contribuição inter-setorial e intra-setorial para a desigualdade de renda, notamos que, nas três regiões, a contribuição da desigualdade intra-setorial para a explicação da desigualdade total observada nos serviços é maior. Ou seja, em São Paulo, 78% da desigualdade dos serviços é explicada pela desigualdade intra-setorial, em Belo Horizonte, 75,2% e em Recife 64%. Este resultado é relevante e reitera a hipótese de um setor de serviços heterogêneo, sendo que a maior heterogeneidade se verifica internamente aos grupos. Em Recife, como o processo de modernização ainda é muito incipiente a desigualdade inter-setorial é mais relevante do que nas outras regiões, uma vez que os setores modernos irão ser mais concentrados. A análise sobre a decomposição da desigualdade de rendimento ao nível *inter* e *intra* setorial fica mais rica quando comparamos o coeficientes  $\alpha$  para cada sub-grupo (Tabela 8). O componente  $\alpha$

---

<sup>15</sup> Os índices de Theil observados para os sub-setores da indústria paulista para o ano de 1988, a partir dos dados da Pnad foram os seguintes:

0.4112 para a indústria metal-mecânica; 0.4231 para a indústria de material elétrico e transporte; 0.3213 para a indústria de madeira e mobiliário; 0.6772 para a indústria de papel e papelão; 1.0449 para a indústria de couros e peles; 0.3963 para a indústria química; 0.722 para a indústria têxtil; 0.4011 para a indústria de vestuário e calçados; 0.6157 para a indústria de alimentos e bebidas; 0.4896 para a indústria de fumo; 0.3118 para a indústria da construção civil.

representa a relação entre o rendimento médio real de cada subgrupo e o rendimento médio real do setor serviços de cada região metropolitana, ou seja, mostra o rendimento relativo. A amostra do componente  $\alpha$  mostra que a distribuição de rendimentos em São Paulo é bem mais homogênea, sendo, a dispersão em torno do rendimento médio, bem menor quando comparada às outras duas regiões. Os serviços produtivos se destacam como o subgrupo que apresenta os maiores coeficientes, indicando o maior grau de produtividade e modernização. Os coeficientes observados para a região de Recife indicam, uma disparidade entre os grupos mais significativa, o que confirma nossos pressupostos de que esta é uma região mais atrasada, onde o processo de modernização ainda é específico de algumas poucas atividades que concentram os ganhos de produtividade. Nesse sentido, do ponto de vista inter-setorial, embora, em todas as regiões, este componente seja menos significativo do que o componente intra-setorial, o que notamos é que nas regiões mais modernizadas, como São Paulo, a desigualdade inter-setorial tende a se reduzir.

TABELA 8

GRUPOS	COEFICIENTES $\alpha$ SEGUNDO GRUPOS POR REGIÃO		
	SP	B.H	RECIFE
	$\alpha^{16}$	$\alpha$	$\alpha$
<b>S.PRODUTIVOS</b>			
Serv. Prof.de Negócios	167,11	186,11	277,2
Serviços Financeiros	167,46	263,8	360,0
Serviços Imobiliários	114,50	90,89	162,0
Serviços de Seguros	189,90	136,0	198,71
<b>S.DISTRIBUTIVOS</b>			
Comercio Varejista	92,30	94,0	69,06
Comércio Atacadista	166,85	159,8	122,26
Serviços de Transporte	109,49	197,6	105,0
Comunicações	148,22	154,5	134,93
<b>S.SOCIAIS</b>			
Serviços Públicos	118,15	160,43	163,51
Serviços de Saúde	125,30	151,20	203,70
Serviços de Educação	93,70	119,17	123,22
Servi. Sociais Diversos	58,64	78,05	67,03
<b>S.PESSOAIS</b>			
Hotéis, Bares e Rest.	81,90	63,94	79,03
Recreação e Diversão	97,95	88,95	62,68
Serviços Domésticos	26,32	21,21	21,29
Serviços de Reparos	83,24	71,05	56,59
Serv.Pessoais Diversos	56,91	31,38	30,50

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da fita da PNAD/IBGE/1988

A construção dos índices de desigualdade de renda nos permitiu alcançar os seguintes resultados. Primeiro, em regiões mais modernas o nível de desigualdade é

<sup>16</sup> O índice  $\alpha$  foi multiplicado por 100 para facilitar a interpretação.

menor, o que ficou evidente na hierarquia das três metrópoles analisadas. Segundo, o processo de modernização tende a reduzir a disparidade intersetorial. À medida que se avança no processo de modernização, com a difusão das novas tecnologias, generalizam-se os ganhos de produtividade, o que torna a distribuição de rendimentos menos dispare quando analisada entre os sub-setores, como é o caso da metrópole Paulista. A contribuição do componente intra-setorial para a desigualdade total observada tende a ser mais elevada para as metrópoles mais avançadas. Ou seja, o componente intra-setorial traduz, na verdade, os fatores que alteram a desigualdade que não puderam ser explicados pelo diferenciado nível de modernização entre os setores. Assim, para a metrópole Paulista, a contribuição do componente intra-setorial para a desigualdade total observada foi a maior encontrada. Podemos supor, que o processo de modernização tende a reduzir as disparidades de rendimentos, mas não necessariamente essa desigualdade será eliminada com a difusão das novas técnicas de produção.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Através dos resultados obtidos nesse trabalho é possível perceber um setor de serviços heterogêneo que combina atividades muito diversas, o que se reflete nos diferenciais de rendimento médio e instrução. A proposta de utilizar uma tipologia nos permite destacar os serviços produtivos como atividades mais intensivas em capital, recrutando uma mão-de-obra mais qualificada e conseqüentemente apresentando níveis de rendimento superiores. Os serviços pessoais, por outro lado se destacam pela natureza espúria que caracteriza essas atividades, sendo já possível sugerir diferenças do perfil desses serviços a nível regional.

O setor de serviços no Brasil se caracteriza hoje como um setor segmentado, onde o segmento moderno (serviços produtivos e comunicações) vem realizando o catching up tecnológico e estreitando cada vez mais a sua relação com o núcleo industrial. Estes serviços tem acompanhado a tendência internacional do crescimento do terciário atrelado à demanda industrial em decorrência da reestruturação produtiva, que exige do setor terciário um papel mais direto na atividade produtiva. Há de se ressaltar o grande peso ainda observado dos serviços sociais, principalmente em Recife e Belo Horizonte, o que é resultado da participação excessiva do Estado até a década de 80. O segmento mais atrasado, caracterizado pelos serviços pessoais, se superpõe às atividades informais e absorve volume significativo de mão-de-obra funcionando como amortecedor do processo recessivo.

Desse modo, à luz dessas conclusões, é possível se fazer uma avaliação acerca das contribuições teóricas que justificam o crescimento do setor terciário. Se, por um lado, o crescimento do setor de serviços se justificou por muito tempo somente pela importância das atividades tradicionais que absorvem contingentes de mão de obra elevados com baixos graus de produtividade e tecnologia, hoje, notadamente, é possível se identificar um setor moderno que tem sua dinâmica determinada pelo segmento mais produtivo absorvendo tecnologias avançadas.

A comparação inter-regional mostrou resultados importantes na medida em que mostrou a heterogeneidade presente no Brasil e consolida as hipóteses acerca do diferenciado estágio de organização da estrutura produtiva dos serviços em decorrência dos diferenciados estágios de acumulação e desenvolvimentos regionais.



## 5. BIBLIOGRAFIA

- ANAND, Sudhir. **Inequality and poverty in Malaysia**. Washington: International Bank for Reconstruction and Development, 1983.
- ANDRADE, M.V. O setor de serviços no Brasil: a dualidade revistada (1981-1990). Belo Horizonte. Dez, 1994. Tese (Dissertação de mestrado) Cedeplar/UFMG.
- ANTONELLI, C. PETIT, P., TAHAR, G. **The Economics of industrial modernization**, London: Academic Press Limited, 1992.
- BECKER, G. Investment in human capital: a theoretical analysis. **Journal of Political Economy**, Chicago, v.70, n.5, p.9-49, out, 1962.
- BELL, Daniel. **O advento da sociedade pós-industrial: uma tentativa de previsão social**. São Paulo: Cultrix, 1973.
- BRANDÃO, Sandra M.C. , FERREIRA, Sinésio Pires. Setor terciário: dificuldades para sua definição. **São Paulo em Perspectiva ; Revista da Fundação Seade ; São Paulo**, v.6, jul/set., 1992
- BROWNING, H.C., SINGELMANN, J. The Transformation of the US labour force: the interaction of industry and occupation. **Politics and society**, v.8, n 3- 4, p.481-509, 1978.
- CACCIAMALLI, Maria Cristina. Mudanças recentes no produto e no emprego: uma comparação entre os países industrializados e aqueles em desenvolvimento. **Revista Brasileira de Economia** , Rio de Janeiro, abr/jun. 1991a.
- CACCIAMALLI, Maria Cristina. O novo ciclo tecnológico e as transformações nas estruturas de emprego e Ocupacional. São Paulo: USP, Texto para discussão.
- CLARK, C. **Les conditions du progrès économique**, Paris, Presses Universitaires de France, 1960.
- COHEN, S. , ZYSMAN, J. **Manufacturing matters: the myth of the post-industrial economy**. New York, Basic Books, 1987.
- DEDECCA, Claudio Salvadori, MONTAGNER, Paula. Crise econômica e desempenho do Terciário. **São Paulo em Perspectiva : Revista da Fundação SEADE**, Jul/set. 1992
- DEDECCA, Claudio Salvadori, MONTAGNER , Paula. A questão da Terciarização na Região Metropolitana de São Paulo. Encontro Nacional de Economia, 19, 1991. **ANAIS**, Brasília: ANPEC, 1991.
- ELFRING, Tom. **Service Sector Employment in Advance Economies: a comparative analysis of its implications for Economic Growth**. Gower Publishing Company Limited, 1988.
- FISHER, A.G.B. A note on tertiary production, **The Economic Journal**, December, 1952.
- GERSHUNY, J. **After industrial society: the emerging self-service economy**, London Macmillan Press Ltd, 1978.
- GERSHUNY, J. & MILES I. **The new service economy**, London, Frances Printer, 1988.
- GUJARATI, Damodar N. **Basic Econometrics**. New York, Mc-Graw-Hill, 1988.
- HOFFMAN, R. **Estatística para economistas**. São Paulo, Ed. Pioneira, 1980.

- KRUGMAN, Paul R. **Geography and Trade**. Cambridge, MIT Press, 1993.
- PESQUISA Nacional por Amostra de Domicílios - 1988. Rio de Janeiro: IBGE, 1990.
- PETIT, P. **Slow growth and the service economy**, London, Frances Printer, 1986.
- PINTO, Aníbal. Concentração do progresso técnico e de seus frutos no desenvolvimento Latinoamericano. **El Trimestre Economico**, vol 32, n.125, 1965.
- PINTO, Aníbal. Natureza e Implicações da heterogeneidade estrutural da América Latina. **El Trimestre Economico**, vol 38, n. 145, 1970.
- PINTO, Aníbal. Styles of Development in Latin America. **CEPAL Review**, 1976.
- PINTO, Aníbal. Metropolización y terciarización: malformaciones estructurales en el desarrollo latinoamericano. **Revista de la CEPAL**, no 24, dec/1984.
- RAMOS, Lauro., REIS, José Guilherme A. Distribuição da renda: aspectos teóricos e o debate no Brasil. In: CAMARGO, José Marcio, GLAMBIAGI, Fábio (orgs). **Distribuição de Renda no Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- RAMOS, Lauro. Interpretando variações nos índices de desigualdade de Theil. **Pesquisa e Planejamento Econômico**, Rio de Janeiro: v.20, n.3, p.479-488, 1990.
- SCHULTZ, T. Investment in Human Capital. **American Economic Review**, Nashville, v.51 n1, março, p.1-17, 1961.
- THEIL, Henry. **Statistical decomposition analysis: with applications in the social and administrative sciences**. Amesterdam: North- Holland Publishing Company, 1972.

## Série Seminários

- N.01/92 - Notas Sobre Flexibilidade Dinâmica, Competitividade e Eficácia Econômica - José Taulle (IEI-UFRJ).
- N.02/92 - A Duração do Desemprego no Brasil - Wasmália Bivar (DEIND-IBGE) .
- N.03/92 - A Experiência Francesa da Renda Mínima de Inserção (RMI), Michel Schiray (CNRS, CRBS-EHESS., França).
- N.04/92 - A Carteira de Trabalho no Mercado de Trabalho Metropolitano Brasileiro, Valéria Lúcia Pero (IEI-UFRJ e DIPES-IPEA).
- N.05/92 - Participação das Organizações de Pequenos Comerciantes Urbanos nas Reformas Institucionais e de Políticas em Nível Local - Três Estudos de Casos no Rio de Janeiro, João Sabóia (NEST e IEI-UFRJ) e Ricardo Mello (IEI-UFRJ e DIPES-IPEA).
- N.06/92 - A Evolução Temporal da Relação entre Salários e Educação no Brasil: 1976-1989, Ricardo Paes de Barros (DIPES-IPEA, IEI-UFRJ, IUPERJ e Yale University) e Lauro Ramos (DIPES-IPEA, USU).
- N.07/92 - Desproteção: outra face da pobreza, Maria Lúcia Werneck (IEI-UFRJ).
- N.08/92 - Trabalho à Domicílio: uma contribuição para o estudo de um conceito complexo, Cristina Bruschini (Fundação Carlos Chagas).
- N.09/92 - Projeção da Demanda de Produtos Agrícolas, Ajax Reynaldo Bello Moreira (DIPES-IPEA).
- N.10/92 - Bem-Estar, Pobreza e Desigualdade no Brasil, Ricardo Paes de Barros (DIPES-IPEA, IEI-UFRJ, IUPERJ e Yale University), Rosane Mendonça (DIPES-IPEA e PUC-RJ), Lauro Ramos (DIPES-IPEA e USU) e Sônia Rocha (DIPES-IPEA).
- N.11/92 - Uma Alternativa para a Reformulação da Seguridade Social, Francisco E.B.Oliveira (DIPES-IPEA e E.E./UFRJ), André Cezar Médici (ENCE-IBGE e IESP) e Kaizô I. Beltrão (ENCE-IBGE).
- N.12/92 - Efeitos Redistributivos das Políticas de Estabilização numa Economia Dual: o caso do Brasil - 1981-1988, André Urani (IEI-UFRJ e DIPES-IPEA) e Carlos D. Winograd (DELTA e Nuffield College).
- N.13/92 - Processo Técnico, Processo de Trabalho e Acumulação: uma periodização do processo de trabalho, José Ricardo Taulle (IEI-UFRJ).
- N.14/92 - Projeções de Demanda ao Ensino Básico: 1980-2010, Nelson do Valle Silva (LNCC e IUPERJ) e José Bernardo B. Figueredo (OIT).
- N.15/92 - A Pedagogia da Repetência, Sérgio Costa Ribeiro (LNCC).
- N.16/92 - Qualidade do Ensino Básico e Igualdade de Oportunidades, Rosane Mendonça (DIPES-IPEA e PUC-RJ).
- N.17/92 - Income Distribution in Brazil: longer term trends and changes in inequality since the mid-1970s, Regis Bonelli (DIPES-IPEA), Lauro Ramos (DIPES-IPEA e USU).
- N.18/92 - Espaçamento, Aleitamento Materno, Serviço de Saúde e Mortalidade na Infância na República Dominicana, Peru e Brasil, Stephen D. McCracken (CEDEPLAR-UFMG).
- N.19/92 - Insatisfacción y Conflicto como los Principales Problemas en las Relaciones Laborales en Bolívia, Fernando Andres Blanco Cossio (PUC-RJ).
- Mudança de série
- N.01/92 - O Programa Brasileiro de Seguro-Desemprego: Diagnóstico e Sugestões para o seu Aperfeiçoamento, Beatriz Azeredo (IEI-UFRJ e CEPP) e José Paulo Chahad (FEA-USP).
- N.02/92 - An Autonomous Approach to Modernity? Ivan da Costa Marques (NCE-UFRJ).
- N.03/92 - Life and Death of Children in the Streets: a marginalized and excluded generation in Latin America Society, Irene Rizzini (USU).
- N.01/93 - Human Resources in the Adjustment Process, Edward Amadeo (PUC-RJ), Ricardo Paes de Barros (DIPES-IPEA, IEI-UFRJ e Yale University), José Márcio Camargo (PUC-RJ), Rosane Mendonça (PUC-RJ e DIPES-IPEA), Valéria Lúcia Pero (IEI-UFRJ e DIPES-IPEA) e André Urani (IEI-UFRJ e DIPES-IPEA).
- N.02/93 - Nível e Distribuição de Renda: Brasil e Macroregiões, 1979, 1985-89, Lilian Maria Miller (DEISO-IBGE).
- N.03/93 - Entrepreneurial Risk and Labour Share in Output, Renato Fragelli Cardoso (EPGE-FGV).
- N.04/93 - Inflação e Desemprego como Determinantes do Nível e da Distribuição da Renda do Trabalho no Brasil Metropolitano: 1982-92, André Urani (IEI-UFRJ e DIPES-IPEA).
- N.05/93 - Indexação e Regulamentação na Dinâmica do Mercado de Trabalho, Guilherme Tomás Málaga (FGV-SP).
- N.06/93 - Indexação e Inflação de Equilíbrio, Antônio Fiorenco (UFF).
- N.07/93 - Uma Nova Abordagem do Conflito Distributivo e a Inflação Brasileira, Jorge Saba Arbache Filho (UNB).
- N.08/93 - Em Busca das Raízes da Pobreza na América Latina, Ricardo Paes de Barros (DIPES-IPEA, IEI-UFRJ e Yale University) e José Márcio Camargo (PUC-RJ).
- N.09/93 - Human Capital Investment and Poverty, Heitor Almeida (PUC-RJ) e José Márcio Camargo (PUC-RJ).
- N.10/93 - Políticas de Concorrência e Estratégias Empresariais: Um Estudo da Indústria Automobilística, Lúcia Helena Salgado (DIPES-IPEA).
- N.11/93 - Capital Humano e Custo de Ajustamento, Ricardo Paes de Barros (DIPES-IPEA, IEI-UFRJ e Yale University), José Carlos Carvalho (Yale University) e Rosane Mendonça (PUC-RJ e DIPES-IPEA).
- N.12/93 - A Competitividade das Exportações Brasileiras no Período 1980/89, Armando Castelar Pinheiro (DIPES-IPEA) e Maria Helena Horta (DIPES-IPEA).

- N.13/93 - *Quem Ganha o Salário Mínimo no Brasil?*, Lauro Roberto Alvarado Parra (IUPERJ, FFEA e UNICAMP) e José Guilherme Almeida Peix (CIN e PUC/RJ).
- N.14/93 - *Mobility de Consumo de Capital Natural no Brasil*, Ronaldo Sérgio da Silva (IUPERJ, FFEA).
- N.15/93 - *Relações de Trabalho, Educação e Mecanismos de Proteção Social*, Carlos Mendonça (IUPERJ, CIEB, FFEA), Cláudio Salm (CEI-UFFJ) e Maria Lucia Werneck (III UFRJ).
- N.16/93 - *Patterns in Education in Brazil: a flexible function form estimation*, José Carlos dos Reis Carneiro (DIPES-IPEA e Yale University).
- N.17/93 - *The Politics of Economics in Brazil*, Wilber Albert Chaffee (Saint Mary's College of California e IUPERJ).
- N.18/93 - *A Flexibilidade no Mercado de Trabalho: Teoria e Experiências Internacionais*, Carlos Alberto Farias (UNB).
- N.19/93 - *Avaliação do Ensino Superior no Brasil*, Jean-Jacques Paul (Institut de Recherches sur L'Environnement de l'Education).
- N.20/93 - *Inflation Wage Indexation and the Permanent Income Hypothesis*, Marcelo Neri (UFF, DIPES-IPEA e Princeton University).
- N.21/93 - *The Role of Education on the Male-Female Wage Gap in Brazil: 1981-1990*, Suzanne Duryea (University of Michigan).
- N.22/93 - *Entre a Lógica Particular e a Eficiência Social*, Edward J. Amadeo (PUC-RIO).
- N.23/93 - *Geração e Reprodução da Desigualdade de Renda no Brasil*, Ricardo Paes de Barros (DIPES-IPEA, IEI-UFRJ, IUPERJ e Yale University) e Rosane Mendonça (PUC-RJ, DIPES-IPEA).
- N.24/93 - *Asymmetric Employment Cycles and Firm Level*, Gustavo Gonzaga (PUC-RJ).
- N.25/93 - *Duração da Pobreza no Brasil*, Ricardo Paes de Barros (DIPES-IPEA, IEI-UFRJ, IUPERJ e Yale University), Rosane Mendonça (DIPES-IPEA, PUC-RJ) e Marcelo Neri (UFF, DIPES-IPEA e Princeton University).
- N.26/93 - *Contrato Coletivo, Negociação Coletiva, Competitividade e Crescimento: Principais Conceitos e Quadro Comparativo*, Hans Mathiew (ILDES/FES) e Achim Wachendorfer (ILDES/FES).
- N.27/93 - *Brazilian Women in the Metropolitan Labour Force: A time series study across region and households status*, Jorge Jacobá (PIMES-UFPE).
- N.28/93 - *Distribuição Mundial de Renda no Pós-Guerra, Crescimento Econômico e Desigualdade entre Países (1950-1988)*, Regis Bonelli (DIPES-IPEA).
- N.29/93 - *The Informal and Demographic Dynamics in Brazil: implications from the age structure*, Eduardo Rios Neto (CEDEPLAR-UFMG), Lauro Ramos (DIPES-IPEA) e Simone Wajman (CEDEPLAR-UFMG).
- N.30/93 - *Demanda Efetiva e Salários: uma teoria sem mercado*, Victor Hugo Klagsbrunn (UFF).
- N.31/93 - *Uma Matriz de Contabilidade Social para a Região Nordeste*, André Urani (FEA-UFRJ e DIPES-IPEA) e Ajax Moreira (DIPES-IPEA).
- N.01/94 - Conferência sobre Regulamentação do Mercado de Trabalho, março de 1994.
- N.02/94 - *As Consequências de Melhoras do Status da Mulher e da Queda de Fertilidade sobre o Desenvolvimento Infantil e a Pobreza Familiar*, Ricardo Paes de Barros (DIPES-IPEA, IEI-UFRJ, IUPERJ e Yale University), Rosane Mendonça (DIPES-IPEA e IEI-UFRJ) e Tatiana Velazco (PUC-RJ e DIPES-IPEA).
- N.03/94 - *O Impacto do Seguro-Desemprego no Mercado de Trabalho: o Caso Brasileiro*, Danielle Carusi Machado (DIPES-IPEA).
- N.04/94 - *Desemprego: Aspectos Teóricos e o Caso Brasileiro*, Carlos Henrique Leite Corseuil (EPGE-FGV).
- N.05/94 - *Porca Miséria II - As Causas da Pobreza no Brasil*, José Márcio Camargo (PUC-RJ) e Ricardo Paes de Barros (DIPES-IPEA, IEI-UFRJ, IUPERJ e Yale University).
- N.06/94 - *Crescimento da Produtividade e Geração de Emprego na Indústria Brasileira*, Edward Amadeo (PUC-RJ) e André Villela (BNDES).
- N.08/94 - *The Evolution of Welfare, Poverty and Inequality in Brazil over the Last Three Decades: 1960-1990*, Ricardo Paes de Barros (DIPES-IPEA, IEI-UFRJ, IUPERJ e Yale University), Rosane Mendonça (DIPES-IPEA e IEI-UFRJ).
- N.09/94 - *O IDS e o Desenvolvimento Social nas Grandes Regiões e nos Estados Brasileiros*, Maria Cecília Prates Rodrigues (FGV-IBRE).
- N.10/94 - *Um Estudo da População de Alta Rendimentos no Brasil nos Anos Recentes*, Paula de Medeiros Albuquerque (FEA-UFRJ).
- N.11/94 - *Instituições Trabalhistas e a Evolução do Mercado de Trabalho Brasileiro*.
- N.12/94 - *Wage Indexation and the Effect of Money*, Antônio Pinóncio (DIPES-IPEA e UFF).
- N.13/94 - *Is Poverty the Main Cause of Child Work in Urban Brazil?*, Ricardo Paes de Barros (DIPES-IPEA, IEI-UFRJ, IUPERJ e Yale University), Rosane Mendonça (DIPES-IPEA e IEI-UFRJ) e Tatiana Velazco (PUC-RJ e DIPES-IPEA).
- N.14/94 - *Qualificação de Mão-de-Obra e Mercado de Trabalho não Regulamentado*, Reynaldo Fernandes (FIPE-USP).
- N.15/94 - *On the Measurement of the Purchasing Power of Labor Income in an Inflationary Environment*, Marcelo Neri (UFF, DIPES-IPEA e Princeton University).
- N.16/94 - *Programable Automation and Employment Practices in Brazilian Industry*, Ruy de Quadros Carvalho (UNICAMP).

- N.17/94 - Inflation and Economic Policy Reform: Social Implications in Brazil, Edward Amadeo (PUC-RJ) e Gustavo Gonzaga (PUC-RJ).
- N.18/94 - Pobreza, Estrutura Familiar e Trabalho, Ricardo Paes de Barros (DIPES-IPEA, IEI-UFRJ, IUPERJ e Yale University), Rosane Mendonça (Bolsista ANPEC-IPEA e aluna do doutorado em Economia no IEI-UFRJ) e José Márcio Camargo (PUC-RJ).
- N.19/94 - Debate sobre Programa de Garantia de Renda Mínima, Organizadores: André Urani (DIPES-IPEA e IEI-UFRJ), e Hans Mathieu (ILDES/FES).
- N.20/94 - Debate sobre Política Salarial e Distribuição de Renda, Organizadores: André Urani (DIPES-IPEA e IEI-UFRJ), e Hans Mathieu (ILDES/FES).
- N.21/94 - Participação Feminina na População Economicamente Ativa no Brasil: Elementos para Projeções de níveis e padrões, Simone Wajnman, (CEDEPLAR-UFMG) e Eduardo Rios Neto (CEDEPLAR-UFMG).
- N.22/94 - Câmaras Setoriais - Notas sobre sua Constituição, Quadro Atual e Perspectivas, Ivan Gonçalves Ribeiro Guimarães (DESEP-CUT).
- N.01/95 - Uma Avaliação da Qualidade do Emprego no Brasil, Ricardo Paes de Barros (DIPES-IPEA, IEI-UFRJ, IUPERJ e Yale University) e Rosane Mendonça (IEI-UFRJ e DIPES-IPEA).
- N.02/95 - The Contemporary Transformations of the Japanese Wage Labor Nexus in Historical Retrospect and some International Comparisons, Robert Boyer (CEBREM/Paris).
- N.03/95 - Merenda Escolar e Desigualdade: O Caso de São Paulo, André Cezar Médici (IESP-FUNDAÇÃO e Instituto Fenand Braudel de Economia Mundial).
- N.04/95 - Regulations and Flexibility of the Labor Market in Brazil, Edward J. Amadeo (PUC-RJ).
- N.05/95 - A Administração Pública como Empregadora: Uma Avaliação da Década de 80, Mariana Ramalho (DIPES-IPEA e FEA-UFRJ) e André Urani (DIPES-IPEA e FEA-UFRJ)
- N.06/95 - Mercado de Trabalho Não-Regulamentado: Participação Relativa e Diferenciais de Salários, Reynaldo Fernandes (FIPE-USP).
- N.07/95 - Relatório sobre o Desenvolvimento Social na Sociedade Brasileira, Amélia Cohn (CEDEC-SP).
- N.09/95 - Pigou, Dalton and the principle of transfers: an experimental investigation, Yoram Amiel (Ruppert Institute) e Frank A. Cowell (The London School of Economics and Political Science).
- N.10/95 - Labor Market Institutions and Labor Market Performance, Ricardo Barros (Yale University and Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada-IPEA) e Rosane Mendonça (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada-IPEA).
- N.11/95 - Estruturas de Negociação Salarial e Desempenho Macroeconômico, José Carlos dos Reis Carvalho (Yale University).
- N.12/95 - Análise Estrutural do Emprego e dos Rendimentos na Indústria de Transformação de São Paulo, Márcia Helena de Lima (SENAI-SP).
- N.13/95 - Rigidezes de Práticas de Pagamento, Marcelo Neri (UFF, PNPE/IPEA e Princeton University).
- N.14/95 - A Reestruturação Industrial e a Natureza do Trabalho Capitalista, Liana Maria da Frota Carleial (Universidade Federal do Paraná).
- N.15/95 - Mudanças na Estrutura Ocupacional na Década de 80, Ana Flávia Machado (FACE/UFMG) e Mônica Viegas Andrade (FACE/UFMG).
- N.16/95 - Ambiente Econômico e Resposta Empresarial: O Ajuste da Indústria Brasileira nos Anos 90, Paulo Fernando Fleury (COPPEAD/UFRJ).
- N.17/95 - Distribuição de Renda e Pobreza nos Anos 90: Uma Análise da Situação na Região Metropolitana de São Paulo, Paulo de Martino Jannuzzi (SEADE) e Sandra Márcia Chagas Brandão (SEADE).
- N.18/95 - Terciarização e Qualidade do Emprego: Uma Análise da Região Metropolitana de São Paulo no Início dos anos 90, Valéria Pero (CIET/SENAI).
- N.19/95 - Qualificação, Tecnologia e Salário na Teoria Econômica, Victor Hugo Klagsbrunn (UFF).

- N.01/96** - A Guide to Living Standards Measurement Study Surveys and Their Data Sets, Margaret E. Grosh (World Bank) e Paul Glewwe (World Bank).
- N.02/96** - Modelos de Geração de Emprego Aplicados à Economia Brasileira - 1985/95, Sheila Najberg (BNDES) e Solange Paiva Vieira (BNDES).
- N.03/96** - O Impacto da Abertura Comercial sobre o Mercado de Trabalho Brasileiro, Ricardo Paes de Barros (IPEA), Luiz Eduardo Cruz, Miguel Foguel e Rosane Mendonça (Bolsistas do PNPE na DIPES-IPEA).
- N.04/96** - Gastos Sociais e Pobreza no Brasil, Teresa Polly Jones ( Banco Mundial)
- N.05/96** - A Desigualdade da Pobreza: Estratégias Ocupacionais e Diferenciais por Gênero, Ricardo Paes de Barros (IPEA), Rosane Mendonça (Bolsista do PNPE na DIPES-IPEA) e Ana Flávia Machado (FACE/UFMG).
- N.06/96** - Renda Mínima: uma avaliação das propostas em debate no Brasil, André Urani (FEA-UFRJ e DIPES-IPEA)
- N.07/96** - Bem-Estar, Pobreza e Desigualdade de Renda: Uma Avaliação da Evolução Histórica e das Disparidades Regionais, Ricardo Paes de Barros (IPEA), Rosane Mendonça (Bolsista do PNPE na DIPES-IPEA) e Renata Pacheco (Bolsista do PNPE na DIPES-IPEA).
- N.08/96** - Crescimento Endógeno, Distribuição de Renda e Política Fiscal: Uma Análise Cross-Section para os Estados Brasileiros, Victor Duarte Lledó (EPGE/FGV).
- N.09/96** - Desemprego Regional no Brasil: Uma Abordagem Empírica, Carlos Henrique Corseuil (PNPE/IPEA e EPGE/FGV), Gustavo Gonzaga (PUC-RJ) e João Victor Issier (EPGE/FGV).
- N.10/96** - Social Returns to Investments in School Quality in Brazil, David Lam (Department of Economics and Population Studies Center, University of Michigan) e Deborah Reed (Public Policy Institute of California).
- N.11/96** - Effects of Schooling on Fertility, Labor supply, and Investments in Children, With Evidence From Brazil, David Lam (Universidade de Michigan) e Suzanne Duryea (Universidade de Michigan).
- N.12/96** - Roads to Equality - Wealth Distribution Dynamics With Public-Private Capital Complementarity, Francisco H.G. Ferreira (The World Bank and STICERD, London School of Economics)
- N.13/96** - El Régimen de Seguridad Social En Cuba, María Cristina Sabourin Jovel (Universidad de Havana).
- N.14/96** - A Estrutura do Desemprego no Brasil, Ricardo Barros (DIPES/IPEA), José Márcio Camargo (PUC/RJ), Rosane Mendonça (DIPES/IPEA)
- N.15/96** - O Crescimento dos Serviços no Brasil: Considerações Preliminares - Hildete Pereira de Melo, Carlos Frederico Leão Rocha, Galeno Ferraz, Ruth Helena Dweck e Alberto di Sabbato (Professores do Departamento de Economia da Universidade Federal Fluminense).
- N.17/96** - Renda e Pobreza: os Impactos do Plano Real, Sonia Rocha (IPEA-DIPES)
- N.18/96** - Growing Apart: Inequality and Poverty Trends in Brazil in the 1980 - Growing Apart: Micro and Macroeconomic Factors behind the Brazilian Income Distribution, 1981 - 1990, Francisco H.G. Ferreira e Julie A. Litchfield (Banco Mundial)
- N.19/96** - Determinantes da Pobreza no Brasil, Ricardo Paes de Barros (IPEA-DIPES), José Marcio Camargo (PUC-RJ) e Rosane Mendonça (Bolsista do PNPE no IPEA-DIPES)
- N.20/96** - Os Determinantes da Desigualdade no Brasil, Ricardo Paes de Barros (IPEA-DIPES) e Rosane Mendonça (Bolsista do PNPE no IPEA-DIPES)
- N.21/96** - A Relação entre Educação e Salários no Brasil, Lauro Ramos (IPEA-DIPES) e Maria Lucia Vieira (Bolsista do PNPE no IPEA-DIPES)
- N.22/96** - Os Determinantes do Desempenho Educacional no Brasil, Ricardo Paes de Barros (IPEA) e Rosane Mendonça (Bolsista no IPEA-DIPES)
- N.23/96** - Determinantes da Evolução da Estrutura do Desemprego no Brasil; 1986-1995, Carlos Henrique Corseuil (PNPE/IPEA), Carla Reis (aluna IE/UFRJ e bolsista ANPEC/IPEA) e André Urani (IE/UFRJ e DIPES/IPEA).
- N.24/96** - Heterogeneidade e Desigualdade Salarial no Setor de Serviços, Mônica Viegas Andrade (Dept° de Economia UFMG).